

***Congreso- IRI- La Plata***  
**Sección: Relaciones Políticas**  
**Internacionales**

---

***EQUILÍBRIO DE PODER NO SUBCONTINENTE:  
RELAÇÕES ENTRE ARGENTINA, BRASIL E  
CHILE.***

**SANDRA MARIA LUBISCO BRANCATO \***

A busca pela hegemonia no subcontinente no início do século XIX contrapôs em muitos momentos Argentina e Brasil, não faltando inúmeras acusações recíprocas de que estava em marcha uma agressiva campanha armamentista visando à conquista desta hegemonia.

Em tal contexto outros países da região terminaram sendo envolvidos, pois a busca de eventuais aliados interessava ao projeto hegemônico tanto da Argentina, como do Brasil. A conquista de aliados passava a ser uma demonstração de força, ao mesmo tempo em que oferecia alguma garantia de apoio em problemas de política externa. Tratava-se, antes de mais nada, de assegurar um equilíbrio de poder na região. Assim, foram freqüentes as intervenções do governo argentino e brasileiro em assuntos de outros países, colocando-se na posição de defensores de suas causas. O caso Allsop, aqui examinado, insere-se nesta situação.

### **A origem do caso Allsop**

A história da Companhia de Mineração Allsop<sup>1</sup> remonta o final do século XIX. Foi organizada em 1870 e operava na Bolívia sob os auspícios do governo desse país. Em

---

\* Programa de Pós-Graduação em História  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

1876, a Allsop, já credora do governo boliviano, recebera certas concessões mineiras e também uma percentagem dos direitos aduaneiros a serem arrecadados no porto de Arica.

Por ocasião da guerra do Pacífico, a situação da Companhia Allsop ficou alterada. Pelo Tratado de Paz de 1904, assinado entre a Bolívia e o Chile, Arica e o território que compreendia a concessão mineira da Companhia, passaram para o controle deste último país. Pela cláusula 5ª do Tratado de Paz, o Chile se responsabilizaria pelas reclamações apresentadas ao governo de La Paz relativas à violação de direitos que vinham ocorrendo na região.

Ante esta nova situação a Allsop pediu ao governo chileno uma indenização pelas perdas sofridas, que, embora considerada justa não foi imediatamente paga. O caso, então, foi encaminhado ao Tribunal Arbitral de Washington, que, por tratado assinado em 1892, confirmado em 1897, ficara reconhecido como o fórum indicado para resolver todas as questões entre o Chile e os EUA. Por determinação do Tribunal a decisão do caso Allsop passou a competência dos tribunais regulares do Chile, uma vez que a Companhia tinha personalidade jurídica nesse país.

Desde então a Allsop não se apresentou à justiça chilena, preferindo agenciar o seu negócio por via administrativa, chegando a obter uma oferta de pagamento de 835.000 pesos, que, no entanto, considerou insuficiente.

Em fins de 1909 a questão tomou um rumo inesperado: Dawson, Ministro dos EUA junto ao governo de Santiago, entrou com uma reclamação diplomática precedida de uma longa exposição extremamente ofensiva ao Chile, exigindo o pagamento imediato de 1 milhão de dólares a Allsop.

O Ministro de Relações Exteriores do Chile decidiu, então, que o caso deveria ir ao Tribunal Arbitral de Haia, mandando, ainda, depositar no Banco da Inglaterra 1 milhão de dólares a ordem do Tribunal, além de exigir a retirada da exposição do Ministro. Aumentava, assim, a tensão existente, pois Dawson não concordou com essa última exigência chilena, aceitando apenas que a questão fosse encaminhada para o arbitramento de Haia.

---

E-mail: [brancato@puccs.br](mailto:brancato@puccs.br).

<sup>1</sup> As referências sobre da Companhia Allsop antes do envolvimento do Brasil e da Argentina foram consultadas basicamente em DOZER, Donald Marquand. *América Latina uma perspectiva histórica*. Porto Alegre: Editora Globo; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1966, pp.436-437.

O governo chileno voltou a impor novas condições que, mais uma vez, foram rechaçadas por Dawson com a agravante de que, em 19 de novembro de 1909, era apresentado ao governo chileno um *ultimatum* exigindo a solução do caso em dez dias, pois, caso contrário, a Legação dos EUA se retiraria de Santiago.

Em novas tratativas o intrincado caso Allsop voltou a ser encaminhado ao arbitramento britânico<sup>2</sup>, depois de negociações nas quais se envolveram os governos da Argentina e do Brasil.

### **O caso Allsop e o *ultimatum* norte-americano ao Chile**

O caso Allsop tomou vulto na Argentina e no Brasil depois que a grande imprensa política passou a explorar exaustivamente o fato, coincidindo com o momento em que a disputa pela hegemonia na região era bastante acirrada. Assim os dois países não perderam a oportunidade que se lhes apresentava para tentar conquistar a boa vontade do governo chileno.

*La Prensa*, fiel guardião do pensamento de Zeballos, Ministro das Relações Exteriores da Argentina, foi o veículo que mais intensamente procurou encaminhar o caso Allsop para beneficiar os projetos de seu país. O jornal tentava demonstrar que havia fortes ligações entre o Chile e a Argentina, sugerindo, com clareza, que tal aproximação induzia seu governo a optar pela defesa dos interesses chilenos no plano internacional. (Cf., *Jornal do Comércio (JC)*, Rio de Janeiro, 24/11/909).

Esta manifestação foi imediatamente registrada pelo correspondente do *JC* em Buenos Aires que passou a informar não só o comportamento que *La Prensa* sugeria que o governo argentino seguisse ante o caso Allsop, como também a lista dos compromissos políticos firmados entre o Chile e a Argentina. A intenção era evidente: demonstrar que tais compromissos não eram nem numerosos, nem de tanta importância, como tentava convencer *La Prensa*. Não havia, portanto, uma ligação maior entre os dois países, ou seja, nenhuma tradição nesse sentido.

A imprensa chilena interessada, por sua vez, em obter para seu governo o maior ganho político, incitava a disputa entre Brasil e Argentina, que, afinal, só poderia ser proveitosa, na medida em que comportava uma defesa para os interesses chilenos.

---

<sup>2</sup> Em 1910 a Grã Bretanha validou cerca de 1 milhão de dólares da dívida do Chile para com a Companhia Allsop, dívida esta que no ano anterior montava em 2,5 milhões de dólares.

Já em 25 de novembro, *El Mercurio*, um dos principais jornais de Santiago, em editorial bastante expressivo, mostrava-se muito agradecido pelas manifestações de simpatia da imprensa argentina, acrescentando, com mal disfarçada censura ao Brasil: "*é nestas ocasiões que se conhecem os verdadeiros amigos*". (Cf, *JC.*, 25/11/1909). Outros jornais chilenos, como *El Ferrocarril*, *La Prensa*, *La Mañana* e *La Unión*, também chamavam a atenção sobre o contraste existente entre o silêncio e a reserva da imprensa brasileira e as abertas manifestações de apoio da argentina.

No entanto, novos fatos obrigariam a imprensa chilena a reconsiderar sua posição. Começava a chegar aos jornais a notícia de que Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, desde 20 de novembro, quando conhecera o ultimatum norte-americano estivera trabalhando ativamente para acomodar a situação criada (Cf. *JC*, 25/11/1909).

Abria-se, de uma forma mais definitiva, a disputa da Argentina e do Brasil para centralizar os méritos da intermediação do caso entre Chile e EUA: o correspondente do *JC* na capital argentina comunicava que as notícias da mobilização de Rio Branco já eram conhecidas no Chile; em Buenos Aires se divulgava a intervenção amistosa do Brasil, ao mesmo tempo em que se noticiava que o Ministro do Chile, Cruchaga, fora até a Legação Brasileira manifestar o seu contentamento pela defesa que o Brasil fazia dos interesses de seu país junto a Washington; os representantes do Chile e dos EUA, no Rio de Janeiro, igualmente reconheciam o empenho brasileiro em visita feita no Itamaraty. a Rio Branco. (*O Paiz*, Rio de Janeiro, 27/11/1909)

Conhecida a intermediação brasileira no caso Allsop a imprensa argentina passou a divulgar, insistentemente, que seu governo tinha intercedido junto ao norte-americano em favor do Chile.. A partir desse ponto o enfrentamento argentino-brasileiro, via caso Allsop, concentrou-se na discussão de duas questões: qual país teria, em primeiro lugar, buscado uma entrevista com Knox, Secretário de Estado norte-americano e se empenhado com mais eficiência na defesa do Chile.

No que se refere à precedência nas entrevistas com o Secretário de Estado norte-americano, *O Paiz*, em 27 de novembro, publicava telegramas de Washington do dia anterior informando que Epifano Portella, representante argentino nos EUA, recebera instruções para conferenciar com Knox sobre o caso Allsop, o que deveria ocorrer ainda no dia 27. Contudo, alertava o correspondente, incentivando a disputa: "*o assunto já está virtualmente resolvido desde a conferência que o Secretário de Estado*

*Knox teve com o embaixador brasileiro Joaquim Nabuco, em 23 do corrente*". No mesmo sentido se manifestava o correspondente do JC em Santiago, dando também sua contribuição para estimular a disputa:

*"Posso afirmar do modo mais categórico, contrariamente ao que se tem publicado em Buenos Aires, que a única intervenção amistosa que se produziu em Washington em favor do Chile foi a do Brasil. 6 horas depois de entregue a Mr. Knox a nota chilena repelindo a proposta intimada pela legação americana em Santiago, era o embaixador brasileiro recebido por Mr. Knox, tendo recebido nos dias 22 e 23 instruções do governo brasileiro; e no mesmo dia 24 ficava retirado, de fato, o ultimatum e arrebatada toda possibilidade de um conflito". (27/11/1909).*

Os jornais argentinos reagiram imediatamente. Era preciso atribuir algum mérito para a ação argentina. *La Nación* reconhecia a eficácia brasileira em Washington, mas acrescentava: *"assegure-se que interviemos também nos arreglos e que o Ministro do Chile Cruchaga, os conheceu pelo intermédio do Sr. Victorino de La Piazza"*. Para neutralizar a argumentação argentina publicada em *La Nación*, que o JC transcrevia, o correspondente do jornal brasileiro teve o cuidado de contrapor: *"...quando o Sr. Cruchaga conversou sobre o conflito com o Sr. Victorino de la Piazza, achou-o insensível e indiferente"* (28/11/1909). *La Prensa*, por sua vez, garantia que o tempo esclareceria os fatos mostrando que a Argentina não fracassara no caso Allsop. Pela mesma linha ia *La Razón* afirmando que o governo argentino ainda provaria de forma irrefutável quem fora o primeiro a intervir perante os EUA para que fosse retirado o ultimatum norte-americano. (Cf. JC, 28/11/1909). *La Nación*, mais moderada, ante a reação brasileira, reconhecia que houvera um esforço conjunto. A tal comentário não se furtou o JC de acrescentar: *"Em todo o caso, já é uma concessão ao Brasil não dizer agora, como a pouco se dizia com admirável desplante, que foi o Brasil que chegou tarde"*. (JC., 21/12/1909)

Ao mesmo tempo, continuavam chegando aos jornais do Rio de Janeiro notícias de que existia no Chile um amplo reconhecimento ao Brasil, estando, inclusive,

planejada uma imponente manifestação popular em sua homenagem.. *“Todos os jornais aplaudem a atitude desinteressada do Brasil, vitoriando o nome de Rio Branco”*, comentava *O Paiz*, em 29 de novembro, divulgando na mesma edição um telegrama de Zenon Murillo, presidente do Círculo de Períodistas de Santiago, enviado a Associação de Imprensa do Rio de Janeiro, que expressava muito bem o agradecimento e o entusiasmo que havia em relação ao Brasil. No telegrama se lê:

*“O Círculo de Periodistas do Chile, interpretando fielmente a opinião do povo chileno, expressa à imprensa brasileira o seu mais vivo e sincero agradecimento pelo nobre, valente, entusiástico apoio prestado ao nosso país, afirmando assim os sentimentos da fraternidade chileno-brasileira, pela paz e progresso sul-americanos.”*

Por sua vez, a Associação de Imprensa do Rio de Janeiro respondia, não escondendo uma sutil referência ao comportamento de alguns jornais argentinos: *“A grande amizade brasileira pelos chilenos, pouco ruidosa, mas firme, sincera e decisiva nos momentos preciosos, não podia deixar de manifestar-se agora pelo órgão de sua imprensa”* (Cf. *O Paiz*, 29/11/1909)

*O Paiz*, em longo artigo intitulado: *“O ultimatum ao Chile e a opinião da imprensa americana”* (29/11/1909), defendia a imprensa brasileira ante aos jornais argentinos que a acusavam de silenciar no que se referia ao caso Allsop para não se indispor com os EUA. O jornal ponderava que a imprensa vinha discutindo o caso sem pretender disputar com os argentinos a primazia nas manifestações pois, *“velhos amigos não precisam de andar sofregamente à espreita de uma ocasião propícia para mostrar ao Chile a nossa estima e o nosso desinteressado apreço”*. Antes de tudo, importava fazer ver aos EUA *“as deploráveis conseqüências que podem advir para a política de solidariedade continental, pregada pelo Sr. Root, com entusiástico aplauso das nações sul americanas, do iníquo e injustificável procedimento que acaba de ter para com a República do Chile.”* Terminava com uma mensagem muito clara aos EUA, que era ao mesmo tempo uma declaração de apoio ao Chile: *“O ato irrefletido do Ministro Dawson tem merecido a reprovação de todos os povos da América, cuja amizade e*

*estima para os Estados Unidos valem bem mais do que o miserável milhão de dólares que a firma Allsop reclama.”*

No dia seguinte *O Paiz* continuava em sua posição defensiva, chamando atenção, mais uma vez, de que a Argentina chegava tarde para proteger o Chile. Voltava a se referir às acusações argentinas, concluindo com muita ironia e alguma mágoa:

*“Se fazemos este ligeiro comentário tão contrário às nossas normas jornalísticas é pelo fato de terem os nossos colegas platinos, com uma falta de generosidade imprópria de povo tão fidalgo, insistido na afirmação de que tanto o governo como a imprensa do Brasil, tinham cautelosamente evitado intervir na questão, para não se indispor com nenhuma das nações interessadas fazendo um pouco delicado paralelo com o procedimento do governo e da imprensa de Buenos Aires para tirar conclusões que os verdadeiros amigos do Chile eram os argentinos e não os brasileiros.”*

A polêmica tornava-se tão agressiva que *La Prensa*, conforme informava em suas colunas, recebera um telegrama assinado por vários argentinos residentes em Santiago protestando pela virulência das matérias publicadas em suas páginas:

*Não fazemos caso disso [do telegrama de protesto]. A respeito dos entusiasmos chileno e brasileiro em favor do Barão de Rio Branco isso denota um estado doentio de espírito. A circular telegráfica do governo americano não menciona a mediação brasileira que os chilenos apregoam. Se o Brasil colocou-se resolutamente ao lado do Chile a conseqüência é que o Brasil do Rio Branco tomou parte contra os Estados Unidos. (Cf., JC, 30/11/1909)*

*La Prensa* na busca de alcançar um difícil equilíbrio, procurava, ao mesmo tempo, estar bem com o EUA e o Chile, utilizando seus ataques ao Brasil como parte dessa estratégia. A imprensa brasileira também não perdia tempo alertando que *La*

*Prensa* havia declarado que o governo dos EUA tinha o direito de considerar a firma Allsop como norte-americana e não chilena, ficando deste modo o caso da Companhia fora da alçada dos tribunais do Chile. Era mais uma investida brasileira para somar pontos junto ao Chile.

Com o mesmo objetivo, setores moderados da imprensa argentina seguiam igual estratégia. *La Nación*, muito particularmente, se parabenizava com toda a América Latina por ter protestado contra o governo dos EUA. Acreditava que este pretendia impor pela força a sua opinião e as suas exigências ao Chile, “*afirmando assim a independência e a autonomia que devem ser prezadas por todas as nações americanas, como seu melhor direito e a sua mais bela força moral*”. Contudo, acrescentava:

*“Agora, desfeito o equívoco e tendo sido desmentida a primeira versão da exigência brutal dos Estados Unidos, todos os países da América devem regozijar-se com a solução pacífica do conflito, porque essa solução é gloriosa para a idéia panamericana”.* (Cf. , *O Paiz*, 29/11/1909)

\* \* \* \* \*

Como se pôde observar pelas manifestações dos principais jornais da grande imprensa do Brasil e da Argentina, o caso Allsop, efetivamente, representou mais uma etapa da disputa entre os dois países pela liderança no subcontinente. É compreensível, portanto, que entre os telegramas recebidos pelo jornal *La Argentina* (Cf., *JC*, 28/11/1909) se possa ler uma curta e significativa mensagem: “*Acautelem-se, Argentinos, a influência de Rio Branco é mais poderosa do que aí se supõe*”.